

PRO E A TEORIA GERATIVA

Sanir da Conceição

Introdução

PRO, no decorrer da história gerativa, tem apresentado diferentes características. Na Teoria de Regência e Ligação (GB), ele não podia ser regido. Assim, ele jamais recebia Caso. No Pré-Minimalismo, PRO recebe Caso, um Caso diferente dos DPs lexicais, sendo ele nulo (Chomsky e Lasnik, 1995). Desta forma, PRO é regido, já que a atribuição Casual depende de regência.

Assim, constata-se que PRO tem algumas propriedades do elemento pronominal *pro*. Pretendemos, neste trabalho, analisar o elemento vazio PRO e a checagem de seus traços em comparação com *pro* que, em Português Brasileiro (PB), também aparece na posição sujeito de oração infinitiva (pessoal).

1. PRO

Na Teoria de Regência e Ligação, PRO jamais poderia ser marcado por Caso, por não poder ser regido. Se PRO fosse regido, dois princípios da Teoria da Ligação estariam em conflito:

o princípio A e o princípio B. PRO é conhecido como anáfora pronominal por ter características de pronome e de anáfora. A posição em que PRO pode ocorrer é na posição sujeito de oração infinitiva e de oração gerundiva, além de aparecer dentro de alguns sintagmas nominais. Vejamos:

- (1) José deseja PRO viajar
- (2) José saiu PRO correndo
- (3) A mesa de PRO dobrar está quebrada

Neste trabalho, visamos observar apenas PRO na posição sujeito de oração infinitiva. Em PB, PRO ocorre em posições muito específicas, dada a existência do infinitivo pessoal. Assim, PRO ocorre em posição sujeito de algumas construções. Vejamos:

- (4) Jonas quer PRO fumar cachimbo

Em (4), temos PRO. Na posição em que ele ocorre não podemos ter um DP lexical nem o infinitivo pode ter morfema flexional visível:

- (5) a. * Jonas quer Carlos fumar cachimbo
- b. * Eles querem — fumarem cachimbo

Na oração (5a) há agramaticalidade porque o DP *Carlos* não recebe Caso. Desta forma, em GB, PRO tem as seguintes propriedades:

- (i) não é marcado por Caso;
- (ii) não é regido;
- (iii) recebe papel temático independente;
- (iv) tem traços de pronome e de anáfora.

Entretanto, no Pré-Minimalismo, PRO recebe Caso para que não haja violação da Condição de Visibilidade (dos papéis temáticos):

(6) Uma cadeia é visível para a marcação temática se ela contém uma posição de Caso - necessariamente seu núcleo, por Last Resort. (Chomsky e Lasnik, 1995:119)

Segundo este princípio, os elementos devem ter Caso para que em LF seja possível a marcação temática, formando assim uma cadeia (um Caso e um papel temático). Desta forma, PRO precisa receber Caso. Vejamos o exemplo:

(7) Eu tentei PRO_i estar t_i aqui ontem, mas não deu

O par [PRO, t] forma uma cadeia, sendo que PRO tem um Caso¹ e o vestígio tem um papel temático. Assim, PRO apresenta as seguintes propriedades:

- (i) recebe Caso;
- (ii) é regido;
- (iii) tem papel temático independente
- (iv) tem traços de pronome e de anáfora

2. *pro*

Nas línguas românicas, *pro* aparece na posição sujeito de orações finitas. Em PB, ele também aparece na posição objeto, podendo ter interpretação referencial (ver Kato et. al. 1995). Vejamos:

- (8) - *pro* Vi o carro que o Carlos comprou
 - Eu também vi *pro*²

Além disso, no PB, *pro* aparece também na posição sujeito de orações infinitivas pessoais:

- (9) O José convenceu a Ana de *pro* viajar

Em (9), temos *pro* na posição sujeito da oração infinitiva. Em tal posição podemos ter um DP lexical, além de o infinitivo poder ter morfema flexional visível. Vejamos:

- (10) a. O José convenceu a Ana de o Carlos viajar
b. O José convenceu a Ana de eles viajarem

Assim, observamos que em PB *pro* ocorre na posição sujeito de oração infinitiva pessoal. Logo, *pro* tem as seguintes propriedades:

- (i) recebe Caso;
- (ii) é regido;
- (iii) tem papel temático independente;
- (iv) tem traços de pronome.

3. PRO vs *pro*

Como vimos acima, PRO e *pro* apresentam algumas propriedades em comum. Ambos ocupam a posição sujeito, recebem papel temático, têm Caso e apresentam traços de pronome. Mas PRO não pode ser identificado como *pro* porque há uma diferença básica entre eles: *pro* é o sujeito de oração que tem tempo enquanto PRO é o sujeito de oração que não tem tempo. Além disso, PRO aparece em línguas como no inglês

- (11) I tried [[PRO to understand the problem]]
(exemplo extraído de Lasnik e Uriagereka (1988:49)),

enquanto que *pro* não, como vemos em (12):

- (12)* *pro* eat banana

pro aparece apenas nas línguas pro-drop.

Em PB, há algumas diferenças quanto à distribuição de PRO e *pro* em oração infinitiva. Vejamos:

(13) A Maria_i, o José aconselhou a *pro*_i comprar um carro

(14) * A Maria_i, o José deseja PRO_i ajudar na compra de um carro

Na oração (13), o tópico *a Maria* está coindexado com *pro*, que é sujeito da oração infinitiva pessoal. Já em (14), *a Maria*, tópico, não pode estar coindexada com o sujeito da oração infinitiva impessoal, que é PRO. Nesta oração, somente *José* pode estar coindexado a PRO. Portanto, percebemos que há algumas restrições quanto ao tipo de construção em que podem aparecer PRO e *pro*, embora tenham características em comum.

4. Programa minimalista

4.1 A checagem de traços

A partir de Chomsky e Lasnik (1995), a Teoria Gerativa passa por algumas modificações; dentre elas, destacamos a hipótese de que o verbo assim como os DPs se movem, não para conseguir os afixos flexionais e Caso, respectivamente, mas para checarem as marcas morfológicas já selecionadas previamente no léxico. Assim, tanto o verbo como o DP checam seus traços em algum ponto da derivação (dado que não existem mais dois níveis de representação: estrutura profunda e estrutura superficial).

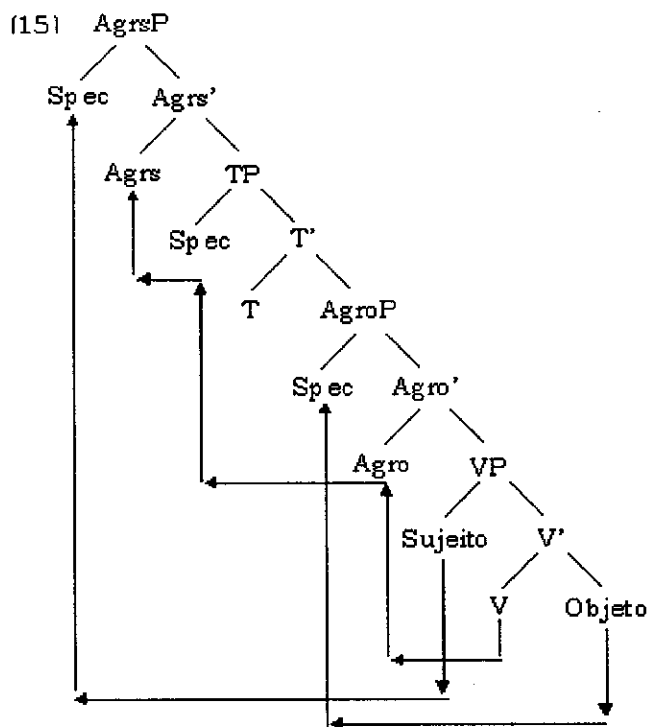
Chomsky (1995) propõe que os traços podem ser parametrizados com o valor 'forte' ou 'fraco'. A checagem de traços pode ocorrer antes ou depois do Spell-Out. Ela ocorre antes do Spell-Out se os traços forem fortes, sendo visível o movimento dos elementos em PF. Se os traços forem fracos, os elementos checarão seus traços somente em LF; o movimento não é então visível em PF.

Outra modificação, a partir de Pollock (1989), é a divisão do nódulo IP. Antes, este nódulo era composto por dois núcleos funcionais: Agr e T, responsáveis pela marca de concordância e tempo. A partir daí, Agr e T são considerados núcleos separados, cada um tendo a sua projeção máxima. Desta forma, o nódulo IP é dividido em duas categorias: AgrP (contém os traços ϕ de pessoa e número) e TP (contém os traços de tempo, modo e aspecto). Os nódulos funcionais AgrP e TP servem para carregar os traços morfológicos que são necessários para a checagem dos traços dos Ns e dos Vs (ver Marantz, 1995:362).

Além disso, a categoria AgrP é dividida em dois nódulos: AgrsP e AgroP. O nódulo AgrsP permite a concordância do sujeito, sendo possível a checagem do Caso nominativo. Já AgroP permite a concordância do objeto, possibilitando a checagem do Caso acusativo.

Chomsky assume que o sujeito é interno a VP. O sujeito vai para [Spec, AgrsP], em sintaxe visível, somente se Agrs tiver traços N fortes. A mesma coisa acontece com o DP objeto e com o verbo, ou seja, somente se Agro tem traços N fortes e se Agrs e T também o tem. Há línguas em que os traços V dos verbos são fracos, e portanto eles são checados somente em LF. Este é o caso dos verbos em inglês, exceto os auxiliares.

No PB, os traços V do verbo são fortes e por isso o verbo vai para T. O complexo [V+T] vai para Agrs checar seus traços antes do Spell-Out, ficando evidente o seu movimento em sintaxe visível. Mas antes de subir, o verbo passa por Agro para possibilitar a checagem do Caso acusativo do DP objeto. O DP sujeito vai para [Spec, AgrsP] checar seus traços de Caso nominativo. Tal checagem acontece também em sintaxe visível em PB, dado que temos a ordem Sujeito-Verbo. O DP objeto também checa seus traços de Caso acusativo em sintaxe visível. Vejamos:



4.2 Checagem dos traços de PRO

Como dissemos acima, os traços dos núcleos podem ser parametrizados com o valor 'forte' ou 'fraco'. Em PB, temos para a oração finita, para a oração infinitiva pessoal³ e para a oração infinitiva impessoal os seguintes valores:

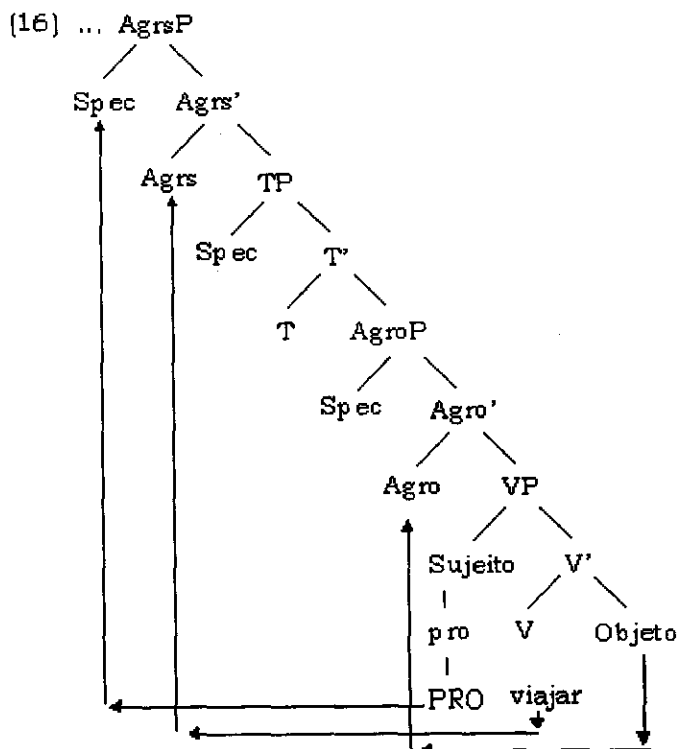
	Or. Finita	Or. Inf. Pessoal	Or. Inf. Impessoal
N	Forte	Forte	Forte
Agr			
V	Forte	Forte	Fraco

N	Forte	Forte	Forte
T			
V	Forte	Fraco	Fraco

Como podemos observar, O N de Agr de todas as orações acima mencionadas apresenta traços fortes, mostrando que a checagem de traços do objeto deve ser feita em sintaxe visível. O V de Agr também é forte, em todos os tipos de orações, exigindo que o verbo cheque seus traços em sintaxe visível.

O traço N de T, tanto na oração finita quanto na oração infinitiva pessoal e impessoal, exige que o argumento (sujeito) suba para checar seus traços na configuração spec/núcleo, uma vez que ele é forte. O V de T da oração finita é forte, fazendo com que o verbo cheque seus traços em T antes de ir para Agrs. Já o V de T da oração infinitiva pessoal é fraco. Assim, o verbo vai direto para Agrs. Na oração infinitiva impessoal, o V de T é forte. Dessa forma, o verbo da oração infinitiva impessoal também se movimenta na sintaxe visível.

Logo, para a oração infinitiva pessoal, como 'O José aconselhou a Maria a **pro** viajar' e para a oração infinitiva impessoal, como 'O João quer **PRO** viajar' temos (16):



Dada a hipótese de sujeito interno a VP, constatamos que em PB, tanto *pro* como PRO se movimentam em sintaxe visível, uma vez que o verbo checa seus traços também em sintaxe visível. Assim, o verbo vai para [Spec,TP] e o sujeito para [Spec, Agrs].

Seguindo Pollock (1989), constatamos que, no PB, o movimento dos verbos acontece em sintaxe visível, assim como em francês. Tal declaração fica consistente quando temos a presença de certos advérbios como **completamente**, **manualmente**, **muito**, **demais** etc.⁴ Estes tipos de advérbios devem vir depois do verbo lexical, tanto em oração finita quanto em infinitiva pessoal e impessoal. Vejamos:

- (17) a. O Joca perdeu completamente a cabeça⁵
 b. *O Joca completamente perdeu a cabeça
- (18) a. Não é bom *pro* esquecer completamente o compromisso
 b. *Não é bom *pro* completamente esquecer o compromisso
- (19) a. José quer PRO esquecer completamente o episódio
 b. *José quer PRO completamente esquecer o episódio

Em (17a), o verbo se movimenta em sintaxe visível, ficando a ordem V+Adv. Sem o movimento do verbo, a oração é agramatical, como mostra (17b). Podemos chegar às mesmas constatações para (18) e (19). Logo, o movimento do sujeito é obrigatório.

No islandês, também temos o alçamento do verbo infinitivo assim como em oração finita. Vejamos os exemplos de orações finitas, extraído de Sigurdsson (1991):

- (20) a. María segir að pú **lesir** alltaf bókina
 Maria diz que você lê sempre o livro
 *María segir að pú alltaf **lesir** bókina

Em (20a), o verbo finito se move para INFL, passando pelo advérbio que está adjungido a VP. Se o verbo não se move, oração é agramatical, como mostra (20b).

O verbo no infinitivo também deve ser alçado obrigatoriamente, como vemos em:

- (21) a. María lofadi að **lesa** alltaf bókina
 Maria prometeu ler sempre o livro
 b. *María lofadi að alltaf **lesa** bókina

Vemos que na oração infinitiva não podemos ter a ordem [Adv+V], como em (21b). Somente a ordem [V+Adv] é permitida, como em (21a).

Sigurðsson diz que, no islandês, o INFL infinitivo é forte pois o verbo sai de VP e vai para IP, assim como nos casos de INFL finito. Portanto, podemos dizer que PRO, assim como *pro*, em PB, se movimenta em sintaxe visível para checar alguns traços; logo, temos a ordem Sujeito+Verbo+objeto.

Considerações finais

Podemos perceber que PRO e *pro* apresentam algumas características em comum: eles recebem papel temático, Caso, têm traços de pronome. Além disso, ambos checam seus traços em sintaxe visível, uma vez que os verbos com [+Agr] ou [-Agr], em PB, apresentam traços fortes, assim como no islandês.

Todavia, argumentamos que há uma diferença básica entre eles: PRO é sujeito de oração infinitiva impessoal enquanto

pro é sujeito de oração infinitiva pessoal (ou de oração finita). Assim, chegamos à conclusão de que PRO é diferente de *pro* na checagem de traços: PRO checa somente o Caso nominativo em [Spec, Agrs] enquanto que *pro* checa traços de pessoa, gênero e número, além do Caso nominativo. Portanto, PRO, diferentemente de *pro*, não apresenta traços de pessoa, gênero e número.

Referências Bibliográficas

- BALTIN, Mark R. (1995) Floating Quantifiers, PRO, and Predication. *Linguistic Inquiry*, v.26, n. 2, p. 199-248.
- BOBALJIK, Jonathan D. e CARNIE, Andrew H. *A Minimalist Approach to Some Problems of Irish Word Order*. (mimeo). Cambridge: MIT.
- CHOMSKY, Noam (1986) *Knowledge of Language; Its Nature, Origin and Use*. New York: Praeger
- CHOMSKY, Noam e LASNIK, Howard. (1995) The Theory of Principles and Parameters. In CHOMSKY, Noam. (eds.). *The Minimalist Program*. Cambridge: MIT. p.13-127.
- FIGUEIREDO SILVA, M. C. (1996) *A Posição Sujeito no Português Brasileiro: Frases Finitas e Infinitivas*. São Paulo: Editora da UNICAMP.
- KATO, Mary. et. al. (1995) The recovery of Diachronic Losses Through Schooling. Paper apresentado em NWAVE. Universidade de Pensilvânia. (mimeo)
- LASNIK, Howard. e URIAGEREKA, Juan. (1988) *A Course in GB Syntax; Lectures on Binding and Empty Categories*. Cambridge, Massachusetts: MIT.
- MARANTZ, Alec. (1995) The Minimalist Program. In: WEBERHUTH, G. (eds.). *Government and Binding Theory and the Minimalist Program*. Oxford, Cambridge : Blackwell, p.351-381.
- RAPOSO, Eduardo (1987) Case Theory and Infl-to-Comp: The inflected Infinitive in European Portuguese. *Linguistic Inquiry*, v.1, n.18, p.85-109.
- RAPOSO, Eduardo (1992) *Teoria da Gramática: A Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Editorial Caminho.

- SIGURDSSON, Halldón Ármann. (1991) Iceland Case-Marked PRO, and the Licensing of Lexical Arguments. *Natural Language and Linguistic Theory*, v.9., n. 2, p. 327-363.
- SILVEIRA, Jeane R. C. et. al. (1994) O Infinitivo Flexionado em Português: Um Reestudo de Raposo (87). *Letras de Hoje*, n. 96, Porto Alegre, PUC-RS, p.135-146.

Notas

¹ Segundo Chomsky e Lasnik (1995), PRO tem um Caso nulo. Ele recebe este Caso na posição Spec de *to* em inglês. Porém, há controvérsias quanto à posição de atribuição Casual ao elemento PRO (ver, por exemplo, Baltin, 1995).

² No PB, há uma tendência de preenchimento do sujeito enquanto que a posição objeto preferencialmente é vazia.

³ Mencionamos, aqui, a oração finita porque ela apresenta algumas semelhanças com a oração infinitiva pessoal. Ambas, por exemplo, podem ter na posição sujeito um DP lexical, como em

(i) O José convenceu a Ana de [os rapazes trabalharem fora]

(ii) O José convenceu a Ana (de) que [os rapazes trabalham fora]

Ou ainda, podem ter na posição sujeito o elemento *pro*:

(iii) O José convenceu a Ana de [*pro* trabalhar fora]

(iv) O José convenceu a Ana que [*pro* trabalha fora]

Entretanto, elas diferem na interpretação de *pro*. Em (iii), *pro* é correferente com o objeto da oração matriz. Já em (iv), *pro* é correferente com o sujeito da oração matriz.

⁴ Os advérbios têm sempre uma posição invariável.

⁵ Exemplo extraído de Figueiredo Silva (1996).